

**Representações sociais dos impactos da violência escolar no trabalho docente****Social representations of the impacts of school violence on the teachers' work****Representaciones sociales de los impactos de la violencia escolar en el trabajo docente**

 **Natalia Alves de Camargo**<sup>1</sup>,  **Igor de Oliveira Reis**<sup>1</sup>,  **Larissa Sales Martins Baquião**<sup>2</sup>  
 **Edson Arthur Scherer**<sup>3</sup>,  **Zeyne Alves Pires Scherer**<sup>4</sup>

**Recebido:** 30/06/2021 **Aceito:** 19/07/2022 **Publicado:** 30/09/2022

**Objetivo:** compreender as representações sociais que os professores do ensino médio de uma escola pública têm sobre os impactos da violência escolar em suas práticas. **Método:** estudo descritivo-exploratório qualitativo, realizado por meio de entrevista semiestruturada de fevereiro a maio de 2019, com professores de uma escola pública do interior paulista, com interpretação pela análise de conteúdo. **Resultados:** participaram 10 professores, cinco homens e cinco mulheres, com idades entre 30 e 56 anos, e média de 16,5 anos de atuação como docentes, com escolaridade superior e sete deles tinham pós-graduação (cinco especialização e dois mestrado). Emergiram três categorias temáticas: *“Política educacional: não está na hora de mudar?”*; *“Famílias desestruturadas: reflexos na violência escolar”*; e *“Crenças e dificuldades no manejo da violência escolar: estratégias disponíveis”*. **Conclusão:** propõe-se intervenções legislativas para implementar programas de saúde no local de trabalho, formação e capacitação dos profissionais na temática da violência, a articulação intersetorial das escolas para suporte aos estudantes, famílias e comunidade.

**Descritores:** Violência; Educação; Local de trabalho; Professores escolares.

**Objective:** to understand the social representations that high school teachers in a public school have about the impacts of school violence on their practices. **Methods:** qualitative descriptive-exploratory study, carried out through a semi-structured interview from February to May 2019, with teachers from a public school in the interior of the state of São Paulo, with interpretation by content analysis. **Results:** 10 teachers participated, five men and five women, aged between 30 and 56 years, with an average of 16.5 years of experience as teachers, with higher education and seven of them had postgraduate degrees (five specialization and two master's). Three thematic categories emerged: *“Educational policy: isn't it time to change?”*; *“Unstructured families: reflections on school violence”*; and *“Beliefs and difficulties in managing school violence: available strategies”*. **Conclusion:** legislative interventions are proposed to implement health programs in the workplace, training and capacitation of professionals on the subject of violence, intersectoral articulation of schools to support students, families and the community.

**Descriptors:** Violence; Education; Workplace; School teachers.

**Objetivo:** conocer las representaciones sociales que tienen los profesores de enseñanza secundaria de una escuela pública sobre los impactos de la violencia escolar en sus prácticas. **Método:** estudio cualitativo descriptivo-exploratorio, realizado a través de entrevistas semiestructuradas de febrero a mayo de 2019, con profesores de una escuela pública del interior del estado de São Paulo, con interpretación por análisis de contenido. **Resultados:** Participaron 10 profesores, cinco hombres y cinco mujeres, con edades comprendidas entre los 30 y los 56 años, y una media de 16,5 años de desempeño como docentes y, con formación superior y siete de ellos con estudios de postgrado (cinco de especialización y dos de maestría). Surgieron tres categorías temáticas: *“Política educativa: ¿no es hora de cambiar?”*; *“Familias desestructuradas: reflejos en la violencia escolar”*; y *“Creencias y dificultades para afrontar la violencia escolar: estrategias disponibles”*. **Conclusión:** se proponen intervenciones legislativas para implementar programas de salud en el lugar de trabajo, la formación y capacitación de profesionales en el tema de la violencia, la articulación intersectorial de las escuelas para apoyar a los estudiantes, las familias y la comunidad.

**Descritores:** Violencia; Educación; Lugar de trabajo; Maestros.

Autor Correspondente: Natalia Alves de Camargo – [nataliacamargo@alumni.usp.br](mailto:nataliacamargo@alumni.usp.br)

1 Programa de Pós Graduação em Enfermagem Psiquiátrica da Universidade de São Paulo (USP), campus Ribeirão Preto/SP, Brasil. ORCID: 0000-0001-8326-2986  
E-mail: [nataliacamargo@alumni.usp.br](mailto:nataliacamargo@alumni.usp.br) - (16) 996364663

ORCID: 0000-0002-9834-5538 E-mail: [igordeoliveirareis@usp.br](mailto:igordeoliveirareis@usp.br) - (92) 98206-3996

2 Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sul de Minas, Muzambinho/MG, Brasil. ORCID: 0000-0002-7964-3935  
E-mail: [larissa.martins@muz.ifsuldeminas.edu.br](mailto:larissa.martins@muz.ifsuldeminas.edu.br) - (35) 99922-4752

3 Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto da USP, campus Ribeirão Preto/SP, Brasil. ORCID: 0000-0003-2011-1405  
E-mail: [eascherer@hcrp.usp.br](mailto: eascherer@hcrp.usp.br) - (16) 99135-9633

4 Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto e Programa de Pós Graduação em Enfermagem Psiquiátrica da USP, campus Ribeirão Preto/SP, Brasil. ORCID: 0000-0002-3162-5957 E-mail: [scherer@eerp.usp.br](mailto:scherer@eerp.usp.br)

## INTRODUÇÃO

A escola cumpre um papel importante na vida das pessoas. Tem como proposta transmitir conhecimentos, desenvolver habilidades emocionais, sociais e cognitivas dos estudantes, e investir na formação de valores éticos e morais, essenciais para o exercício da cidadania<sup>1</sup>. Como espaço de interação social, o ambiente escolar influencia e é influenciado pelos comportamentos de quem o frequenta. Podem emergir percepções diferentes sobre o funcionamento da escola e divergências para gerenciar situações conflituosas, comprometendo o aprendizado e as relações interpessoais entre professores, alunos e funcionários. Atitudes desrespeitosas, não cumprimento de regras, incivildades, agressões e depredação do patrimônio são comportamentos que podem gerar conflitos e mesmo violência<sup>2-3</sup>.

A violência escolar é um problema identificado em pelo menos 50 países, que desde os anos 1990 vêm produzindo pesquisas em busca de explicações acerca deste fenômeno<sup>4</sup>. No Brasil, os primeiros trabalhos sobre o tema apontaram mudanças nas formas de praticar a violência nas escolas públicas, que começaram com os atos de vandalismos, desdobrando-se para agressões físicas e verbais<sup>5</sup>.

As pesquisas sobre violência escolar têm uma tendência em focar nos estudantes. Contudo, os professores também estão propensos a serem vítimas de violência dos seus alunos, de forma insidiosa ou crônica no local de trabalho ou por meio digital. Sua tipologia inclui agressões verbais, físicas, assédios sexuais, psicológicas (descaso, desrespeito, discriminação quanto à identidade de gênero ou orientação sexual) e patrimoniais<sup>6-13</sup>.

Há um campo de investigação sobre violência escolar que busca compreender o problema a partir das representações sociais<sup>14</sup> dos sujeitos envolvidos. Resultados destas investigações demonstram, geralmente, que o fenômeno da violência é representado por agressões físicas e verbais, sendo estudantes e professores os principais protagonistas das ações violentas.

As causas deste problema aparentam estar relacionadas a fatores externos e internos das instituições de ensino. Entre os externos estão a desestruturação familiar, o comportamento violento aprendido no âmbito doméstico, o uso de drogas lícitas ou ilícitas, a presença de pessoas armadas, bares e tráfico de drogas no entorno da escola. Como fatores internos, aparecem os comportamentos de desrespeito e incivildade (linguagem imprópria, ruídos, gritos, destruição de equipamentos e patrimônio), ameaças e agressões verbais, físicas e assédio sexual com colegas, funcionários e docentes. Com relação às ações de enfrentamento utilizadas pelas escolas, pesquisas com professores revelam a utilização do diálogo para

resolução dos conflitos, adoção de medidas disciplinares de suspensão, expulsão e transferência de estudantes, e a parceria com a polícia militar. Outras estratégias expressas por professores para minimizar a ocorrência da violência, contemplam estabelecer vínculos com a comunidade externa e as famílias, e desenvolver ações educativas extracurriculares<sup>3,13,15</sup>.

Apesar da existência e abrangência de estudos sobre a violência no ambiente escolar, há ainda aspectos a serem investigados. Conhecer o impacto da violência sobre a saúde mental e profissional de professores que vivenciam a situação tanto de forma direta quanto indireta é relevante. Pode trazer contribuições para sua identificação e para elaborar e implementar estratégias para sua prevenção, detecção e enfrentamento.

Assim, o objetivo deste estudo foi compreender as representações sociais que os professores do ensino médio de uma escola pública têm sobre os impactos da violência escolar nas suas práticas.

## MÉTODO

Trata-se de um estudo descritivo-exploratório, com abordagem qualitativa, no qual buscou-se responder a seguinte questão: *de que modo a violência escolar repercute no trabalho dos professores?*

Considerou-se uma escola estadual do interior paulista, que atendia estudantes do ensino médio, com um quadro docente composto por professores efetivos e temporários.

Os critérios de inclusão no estudo foram: (1) compor o quadro de docentes efetivos da escola, (2) estar presente nas Aulas de Trabalho Pedagógico Coletivo (ATPC).

Para a seleção dos participantes utilizou-se o livro de ponto da escola em que constavam os nomes dos professores efetivos e os seus respectivos cargos. A pesquisadora fez abordagens individuais antes do início de cada ATPC e caso o professor listado no livro ponto não estivesse presente, era selecionado o próximo da lista. No momento da abordagem, apresentou-se o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e explicou-se as proposições do estudo, o método, a garantia de sigilo e a não obrigatoriedade da participação.

A coleta de dados ocorreu nos meses de fevereiro a maio de 2019, através de entrevista semiestruturada<sup>16</sup> que foi previamente submetido à apreciação de três juízes peritos na temática do estudo.

As entrevistas foram gravadas e realizadas na própria escola, nos 30 minutos finais de cada ATPC, para não interferir na rotina de trabalho dos professores. A coleta de dados foi suspensa quando não havia mais elementos novos para a teorização (saturação).

O material coletado foi transcrito na íntegra e submetido à análise de conteúdo<sup>13</sup>, por meio de procedimentos sistemáticos: pré-análise; exploração do material; tratamento; inferência e interpretação dos dados e analisados à luz da Teoria das Representações Sociais<sup>14</sup>.

O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa, sob o parecer nº 295/2018. Na apresentação dos resultados, os trechos de falas foram identificados com a letra “P” seguido de um número para cada participante, com o intuito de garantir seu anonimato.

## RESULTADOS

A escola elencada atendia cerca de 420 alunos, e contava com um corpo docente de 30 professores efetivos e 20 temporários, sendo selecionado apenas professores efetivos.

Participaram do estudo 10 professores, cinco homens e cinco mulheres, com idades entre 30 e 56 anos, e média de 16,5 anos de atuação como docentes. Os 10 tinham escolaridade superior e sete deles tinham pós-graduação (cinco especialização e dois mestrado).

Emergiram três categorias temáticas: *“Política educacional: não está na hora de mudar?”*; *“Famílias desestruturadas: reflexos na violência escolar”*; e *“Crenças e dificuldades no manejo da violência escolar: estratégias disponíveis”*.

### ***Política educacional: não está na hora de mudar?***

Na percepção dos professores, os conteúdos padronizados não condizem com a realidade dos estudantes. Consideram que eles ficam alheios no processo de ensino-aprendizagem, ociosos e desinteressados na sala de aula. Questionam se não haveria a necessidade de promover mudanças na prática pedagógica para tornar o ensino atrativo. Na opinião deles, trabalhar com material padronizado que não atende o cotidiano dos alunos é uma forma de violência e pode interferir na ocorrência de violência escolar:

*O professor enche a lousa de coisa para o aluno copiar. Não está na hora de mudar? (P1)*

*Podemos falar de uma violência estrutural em relação ao Estado, a política educacional [...] é uma violência contra o aluno o que fazemos. É uma violência abordar um conteúdo que às vezes não faz parte do cotidiano dele. Essa falta de instrumentalização interfere na questão da violência escolar. O aluno fica ocioso e não vê necessidade de aprender. (P2)*

*Não temos margem para trabalhar com a realidade. O professor precisa dar um conteúdo padronizado. Eu tinha uma forma de trabalhar, uma didática. Aí vem um material para trabalhar em sala de aula que eu preciso seguir, saber o conteúdo, mas que não atende à realidade dos alunos. Às vezes me vejo praticando violência contra eles. (P3)*  
*Você chega na sala de aula é só conteúdo jogado na lousa. É português, é matemática. Não é atrativo, não é atrativo. (P5)*

*Todo esse desinteresse pode ser um fator que interfira na postura deles, na violência. (P7)*

***Famílias desestruturadas: reflexos na violência escolar***

Na opinião dos professores, as famílias dos estudantes são desestruturadas, ancoradas em representações de figura paterna ou materna ausente, pais ou mães presos, muitas vezes famílias formadas por avós ou tios, que não transmitem valores morais e não impõem regras.

Percebem a família ausente da vida escolar do aluno, em especial quando se envolve em situações de violência. Acreditam que os estudantes reproduzem na escola os comportamentos agressivos que vivenciam em suas casas e que usam praticar a violência na escola para chamar a atenção dos pais, por se sentirem abandonados por eles. Os professores se sentem reféns, impotentes e frustrados quando precisam interromper as aulas para intervir nos episódios violentos, deixando de cumprir com as atividades previstas:

*As famílias são desestruturadas, muitos têm pai preso, mãe presa, eles chegam na escola sem valores morais estipulados. (P4)*

*Eles têm famílias desestruturadas. O aluno que já passou por três padrastos, ele não conhece o pai, às vezes não mora com a mãe. (P8)*

*Geralmente, muitos casos de violência acontecem porque o aluno não tem boa estrutura familiar. É criado com a tia, avó, o pai largou, a mãe largou, o pai está preso, a mãe está presa. A escola é o local onde existem regras, e o aluno não tem regras em casa, isso reflete na violência escolar. (P10)*

*Não conseguimos trazer a família na escola. (P1)*

*Os pais são muito ausentes. Os alunos envolvidos em problemas de violência escolar, a família não comparece às reuniões. (P2)*

*Quando a gente observa a história da criança e do adolescente que gerou a violência, você entende, porque ele agiu assim olhando dentro da casa deles. Para ele um xingamento é um elogio. Pegar alguém pelo pescoço, agredir é normal. Ele tem isso com os irmãos, ele tem isso dentro da casa. (P4)*

*Uma agressão que o pai faz em casa, o aluno reproduz aqui, dando tapa na cabeça do outro. Se ele não tivesse isso em casa, não faria na escola. Aprende o que o meio ensina. O meio ensina coisa errada, o aluno vem reproduzir na escola. (P5)*

*O adolescente está abandonado. Ele quer aparecer de alguma maneira para seus pais. (P1)*

*O aluno faz alguma coisa de errado para chamar atenção da família. (P2)*

*A gente se sente amarrado, impotente, se torna um refém. (P8)*

*Quando ocorrem situações de violência, não tem como render. A aula não segue conforme o previsto, fico muito frustrado. (P10)*

***Crenças e dificuldades no manejo da violência escolar: estratégias disponíveis***

Os entrevistados manifestaram suas crenças e dificuldades sobre as formas de intervenção no manejo dos comportamentos violentos dos estudantes. Acreditam no diálogo como forma de resolver as situações de violência. No entanto, quando não conseguem mediar o conflito, lançam mão de punições como suspensão e expulsão do aluno. Reconhecem que não são capacitados e treinados, e que outros profissionais como psicólogos e assistentes sociais

poderiam ajudar no enfrentamento da violência escolar. Recorrem ao “*disciplina*”, integrante do tráfico local e, responsável por garantir o respeito às regras de convívio de uma comunidade. Fazem isso ancorados nas representações sociais do senso comum de que ele é um mediador que tem o poder de resolver conflitos:

*Eu tento na base da amizade, da confiança. Eu tento ensinar a eles que é dialogando que as coisas dão certo. (P1)*

*Quando o diálogo chega ao fim, você não consegue mais ter aquela mediação pelo diálogo, aí precisa partir para punição mesmo. Se não tiver punição, não resolve. É um método de intervenção forte, suspensão, expulsão. (P5)*

*Eu não sou preparado para isso, não estudei psicologia. Acredito que os colegas tenham a mesma dificuldade. (P1)*

*Nós, dentro das escolas, não sabemos lidar com esse tipo de situação, não recebemos uma formação adequada. (P9)*

*Nós tentamos todas as pedagogias possíveis. Mas cadê o psicólogo, cadê o assistente social? Não temos. (P5)*

*A violência na comunidade era maior antes do tráfico. Com a chegada do tráfico a violência ficou organizada. Você percebe que a comunidade não pode fazer o que bem entende. Por isso esse contrato que não pode ter polícia. Dependendo o que o morador fizer ele não vai responder para a polícia. Ele vai responder para o justiceiro do bairro, o “*disciplina*”. (P3)*

*O “*disciplina*” instrui os alunos para não trazer problemas na escola. Eles me explicaram que o “*disciplina*” é como fosse um mediador. Eu falei para os alunos, legal, vamos trabalhar juntos. (P1)*

*Se o aluno dá trabalho na escola, e descobrimos que ele faz alguma coisa ilícita, chamamos um “*disciplina*”, um traficante, que impõe respeito sobre ele. (P5)*

*Uma aluna inventou que estava grávida de um professor. Então, para ele não ser morto eu entrei em contato com um aluno que conhecia um “*disciplina*”. Fomos lá resolver essa situação, e a menina disse depois que era mentira. (P3)*

## DISCUSSÃO

No decorrer dos anos, foram sendo implementadas reformas políticas que mudaram de modo significativo o desenvolvimento do trabalho docente na rede estadual de ensino do estado de São Paulo, da qual a escola investigada faz parte. No âmbito destas reformas, foi adotado um currículo padronizado e a aplicação de exames de avaliação do rendimento escolar. As escolas passaram a transmitir os conteúdos padronizados exigidos para este tipo de avaliação, direcionando o trabalho dos professores para obtenção de bons resultados com o intuito de receber bonificações<sup>18</sup>.

Nesta perspectiva, compreende-se que um cenário de pressão por metas de desempenho e transmissão de conteúdos padronizados, por vezes distantes do cotidiano dos alunos, pode trazer aos docentes a representação de que estão vivenciando uma violência simbólica. Estudantes desinteressados, alheios ao processo de ensino-aprendizagem de tais conteúdos, e conseqüentemente ociosos, podem se envolver em comportamentos de desrespeito, incivilidade e mesmo violência no ambiente escolar.

Os professores expressaram seus conhecimentos sobre modelo de família tradicional/nuclear composta por pais e filhos ancorados nas representações sociais de famílias estruturadas. O que citam como famílias desestruturadas é apontada como sendo diferentes arranjos familiares, ou seja, quando outros familiares ou terceiros se agregam à composição nuclear, em decorrência de separações, novas uniões, pela qual a família vai sendo recomposta. O que precisa ser considerado é que não é o fato de serem ou não “estruturadas”, mas se as famílias estão cumprindo com o seu papel, enquanto ambiente de proteção, cuidado e afeto na vida dos adolescentes<sup>19</sup>.

Para os pesquisados, há uma naturalização da violência no ambiente doméstico, o que acaba fazendo com que o estudante reproduza isso no ambiente escolar. As ocorrências de violência podem causar interrupções nas aulas, produzindo um impacto negativo na aprendizagem e sobrecarregando ainda mais a responsabilidade dos professores. Estes, por sua vez, quando não conseguem desempenhar seu trabalho conforme previsto, se sentem reféns, impotentes e frustrados<sup>13,20</sup>. A violência provoca, portanto, uma sensação de insegurança e vulnerabilidade no âmbito escolar.

Em relação ao contato com as famílias, os docentes queixaram-se de que elas são ausentes e não comparecem às reuniões. Pesquisas tem mostrado que o desenvolvimento de atividades extracurriculares integrando as famílias, estudantes e escola, possibilita uma parceria que tende a trazer melhoras no desempenho escolar, redução de evasão, de medidas punitivas e da violência<sup>2-3,21-23</sup>.

A escola considerada não possui um plano de enfrentamento da violência escolar, as medidas aplicadas são pontuais e controversas. Os professores acreditam no diálogo como forma de mediar conflitos. No entanto, quando não obtém resultado, optam por aplicar ações punitivas, ancoradas nos sentidos das representações sociais de valores culturais que concebem a punição como estratégia educativa.

A adoção de medidas punitivas pode suscitar conflitos e comportamentos violentos e comprometer a construção de relacionamentos saudáveis, considerado um fator importante no enfrentamento da violência escolar. Estratégias de intervenção que envolvem a família, a escola e a comunidade impactam de maneira positiva no comportamento dos alunos e reduzem o envolvimento dos mesmos em episódios de violência<sup>2-3,15,22,24-25</sup>.

Os participantes reconhecem a existência de uma lacuna nas ações formativas sobre violência escolar que impacta no enfrentamento deste fenômeno, pois não conseguem lidar de forma adequada com os alunos agressores. Nesta perspectiva, é imprescindível a inclusão do tema violência escolar na grade curricular dos cursos superiores, de modo que os conteúdos

permitam aos futuros professores reconhecer e atuar de forma eficaz no enfrentamento da violência escolar, principalmente na prevenção desses episódios<sup>26-29</sup>.

Os professores sugeriram que, para o enfrentamento da violência escolar, é importante a realização de um trabalho com a participação de outros profissionais, como psicólogos e assistentes sociais. Neste sentido, é sugerido que as escolas invistam em parcerias com equipes interdisciplinares da rede básica e intersetorial (educação, saúde, cultura, esporte, assistência social, segurança pública), para um trabalho junto às famílias, alunos e comunidade. Buscando nestas parcerias investir no fortalecimento dos vínculos, afetos e, sobretudo, no estímulo ao diálogo como recurso para uma convivência saudável<sup>2-3,20,25</sup>. Escolas constituem-se como espaços privilegiados para debates sobre direitos humanos e combate à violência e não apenas para ensinar conteúdos acadêmicos.

O nível de vulnerabilidade social nas redondezas (entorno) da escola pode interferir no ambiente escolar. A qualidade do ensino tende a ser mais limitada; há maior incidência na rotatividade de professores ou presença de substitutos; existe aumento no risco de comportamentos negativos como desrespeito, incivilidade, conflito e violência; e os estudantes tendem a apresentar como consequência baixo desempenho escolar<sup>2-3,22,29</sup>. Na presente pesquisa, por outro lado, os docentes relataram a procura por apoio de um integrante do tráfico na comunidade, conhecido como “*disciplina*”. Fazem isso com base na representação do senso comum de que se trata de um mediador que tem a força e o poder de resolver conflitos, que é responsável pelo respeito às normas de convívio da comunidade.

Como consequência da vivência de violência no contexto escolar, de diversos tipos e formas, os professores podem sofrer impactos em sua motivação, desempenho profissional e qualidade de vida. Os docentes referiram sentimentos de impotência e frustração na sua prática frente a situações de violência. Tais percepções e vivências podem fazer com que apresentem problemas de saúde mental e profissional. É frequente desenvolverem transtornos mentais comuns, evidenciarem prejuízos no desempenho de suas atividades de educadores e sofrerem com a síndrome do esgotamento profissional (*burnout*)<sup>6-9,11-13</sup>.

Quando é oferecida a possibilidade de gerenciamento participativo da escola, com a parceria entre professores, alunos, familiares e comunidade, associada a adequação do relacionamento professor-aluno, o impacto negativo da violência escolar pode ser aliviado de forma significativa. A tomada de decisões em conjunto por esses setores, aliada a implementação de atividades lúdicas, recreativas, extracurriculares traz contribuições positivas ao ambiente escolar<sup>2,10</sup>.



## CONCLUSÃO

Pesquisar os impactos da violência escolar no trabalho docente na perspectiva dos professores mostrou-se importante para a compreensão das representações sociais do fenômeno. Os profissionais citaram a política educacional não condizente com a realidade dos estudantes, a reprodução de comportamentos violentos aprendidos no domicílio, a ausência da participação das famílias e as influências do entorno da escola. Identificaram, também, as dificuldades no manejo das ocorrências, a falta de treinamento e formação docente para lidar com conflitos, a necessidade de trabalho com outros profissionais e o suporte da comunidade.

Os resultados permitem propor intervenções legislativas no sentido de implementar programas obrigatórios e voluntários de saúde ocupacional e de promoção da saúde no local de trabalho. Outro investimento sugerido é o da formação dos profissionais, em seus cursos de graduação e de capacitação na temática da violência. Essas soluções podem proteger e promover bem-estar mental e apoio emocional aos professores. A articulação das escolas com setores como saúde, cultura, esporte, assistência social e segurança pública na forma de parcerias para prover suporte aos estudantes, famílias e comunidade é também relevante.

Também, o apoio de um mediador da comunidade identificado como “*disciplina*” chamou a atenção. Apesar da importância de valorizar a realidade social e cultural do meio onde a escola se encontra, tal cenário precisa ser melhor compreendido.

Como limitação deste estudo, tem-se o fato de ter sido realizado em uma única escola. Sugere-se, para futuras pesquisas, a ampliação do número de instituições de ensino, sem deixar de considerar suas especificidades e da comunidade onde se inserem. Outros métodos de pesquisa, como grupos focais e estudos longitudinais podem contribuir para fornecer mais evidências sobre as formas de manifestação, enfrentamento e prevenção da violência nas escolas.

## REFERÊNCIAS

1. Guimarães RR. Educação e cidadania: seu preparo para o exercício da cidadania. *Observatorium: Revista Eletrônica de Geografia* [Internet]. 2018 jan/abr [citado em 21 maio 2021]; 9 (1):2-11. DOI: <https://doi.org/10.14393/OREG-v9-n1-2018-1>
2. Nunes LM, Caridade S, Sani AI. Avaliação do meio escolar: um estudo exploratório. *Revista Lusófona de Educação* [Internet]. 2015 [citado em 26 maio 2022]; 30(30):141-58. Disponível em: <https://revistas.ulusofona.pt/index.php/rleducacao/article/view/5133/3331>
3. Stefanini JR, Cavalin LA, Silva DTG, Camargo NA, Sani AI, Scherer EA, et al. Avaliação do meio escolar: percepções dos profissionais de uma escola pública do interior de São Paulo. *Revista Lusófona de Educação* [Internet]. 2019 [citado em 26 maio 2022]; 46(46):41-58. DOI: <https://doi.org/10.24140/issn.1645-7250.rle46.03>

4. Santos JVT, Machado EM. A violência na escola e os dilemas do controle social: uma proposta dialógica. *Rev Bras Segur Pública* [Internet]. 2019 [citado em 18 maio 2021]; 13(2):106-25. DOI: <https://doi.org/10.31060/rbsp.2019.v13.n2.1113>
5. Sposito MP. Um breve balanço da pesquisa sobre violência escolar no Brasil. *Educ Pesq*. [Internet]. 2001 [citado em 14 maio 2021]; 27(1):87-103. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1517-97022001000100007>
6. Galand B, Lecocq C, Philippot P. School violence and teacher professional disengagement. *Brit J Educ Psychol*. [Internet]. 2007 [citado em 25 maio 2022]; 77(2):465-77. DOI: <https://doi.org/10.1348/000709906X114571>
7. McMahon SD, Martinez A, Espelage D, Rose C, Reddy LA, Lane K, et al. Violence directed against teachers: results from a national survey. *Psychol Sch*. [Internet]. 2014 Aug [citado em 25 maio 2022]; 51(7):753-66. DOI: <https://doi.org/10.1002/pits.21777>
8. Moon B, McCluskey J. An exploratory study of violence and aggression against teachers in middle and high schools: prevalence, predictors, and negative consequences. *Journal of School Violence* [Internet]. 2018 [citado em 26 maio 2022]; 19(2):1-16. DOI: <https://doi.org/10.1080/15388220.2018.1540010>
9. Chirico F, Capitanelli I, Bollo M, Ferrari GF, Maran DA. Association between workplace violence and burnout syndrome among school teachers: a systematic review. *Journal of Health and Social Sciences* [Internet]. 2021 [citado em 26 maio 2022]; 6(2):187-208. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/352643686\\_Association\\_between\\_workplace\\_violence\\_and\\_burnout\\_syndrome\\_among\\_schoolteachers\\_A\\_systematic\\_review](https://www.researchgate.net/publication/352643686_Association_between_workplace_violence_and_burnout_syndrome_among_schoolteachers_A_systematic_review)
10. Yang Y, Qin L, Ning L. School violence and teacher professional engagement: a cross-national study. *Frontiers in Psychology* [Internet]. 2021 Apr [citado em 26 maio 2022]; 12:628809. DOI: <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2021.628809>
11. Alves AG, Cesar FCR, Barbosa MA, Oliveira LMAC, Silva EAS, Rodríguez-Martín D. Dimensões da violência do aluno contra o professor. *Ciênc Saúde Colet*. [Internet]. 2022 mar [citado em 21 maio 2022]; 27(3):1027-38. DOI: <https://doi.org/10.1590/1413-81232022273.07002021>
12. Simões EC, Cardoso MRA. Violence against public school teachers and burnout. *Ciênc Saúde Colet*. [Internet]. 2022 [citado em 25 maio 2022]; 27(3):1039-48. DOI: <https://doi.org/10.1590/1413-81232022273.28912020>
13. Giordani JP, Seffner F, Dell'aglio DD. Violência escolar: percepções de alunos e professores de uma escola pública. *Psicol Esc Educ*. [Internet]. 2017 jan/abr [citado em 15 mar 2021]; 21(1):103-11. DOI: <https://doi.org/10.1590/2175-3539201702111092>
14. Moscovici S. Representações sociais: investigações em psicologia social. 11ed. Petrópolis: Vozes; 2015. 408p.
15. Dalcastagner GB, Nunes CC. Violências no contexto escolar: percepções de alunos, professores e gestores. *Filosofia e Educação* [Internet]. 2019 set/dez [citado em 23 fev 2021]; 11(3): 423-52. DOI: <https://doi.org/10.20396/rfe.v11i3.8654929>
16. Minayo MCS. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. 14ed. São Paulo: Hucitec; 2014. 416p.
17. Bardin L. Análise de conteúdo. São Paulo: Edições 70; 2016. 280p.
18. Fernandes MJS, Barbosa A, Venco S. O trabalho docente na rede pública de ensino do Estado de São Paulo - Brasil no contexto da Nova Gestão Pública. *Revista Educación, Política y Sociedad* [Internet]. 2019 [citado em 23 maio 2022]; 4(1):14-32. Disponível em: <https://repositorio.uam.es/handle/10486/686399>
19. Gonçalves JP, Eggert E. Estruturadas X desestruturadas: percepções de família entre profissionais da educação. *Educ Quest*. [Internet]. 2019 out/dez [citado em 20 mar 2021]; 57(54):e-18034. DOI: <https://doi.org/10.21680/1981-1802.2019v57n54ID18034>

20. Oliveira WA, Silva JL, Sampaio JMC, Silva MAI. Saúde do escolar: uma revisão integrativa sobre família e bullying. *Ciênc Saúde Colet*. [Internet]. 2017 [citado em 15 abr 2021]; 22(5):1553-64. DOI: <https://doi.org/10.1590/1413-81232017225.09802015>
21. Mahendra FM, Marin AH. Ambiente familiar e rendimento escolar de adolescentes. *Psicol Teor Pesqui*. [Internet]. 2019 [citado em 23 mar 2021]; 35(1):1-11. DOI: <https://doi.org/10.1590/0102.3772e35nspe9>
22. Tavares PA, Pietrobon FC. Fatores associados à violência escolar: evidências para o Estado de São Paulo. *Estud Econ*. [Internet]. 2016 [citado em 02 ago 2021]; 46(2):471-98. DOI: <https://doi.org/10.1590/0101-416146277ptf>
23. Martins ACHFS, Barreiros CH. Percepções da equipe técnica escolar e das famílias dos educandos numa escola de referência do Rio de Janeiro sobre bullying e o papel da orientação educacional. *E-mosaicos: revista multidisciplinar de ensino, pesquisa, extensão e cultura do Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira (Cap/UERJ)* [Internet]. 2019 maio/ago [citado em 10 jul 2021]; 8(18):160-75. DOI: <https://doi.org/10.12957/e-mosaicos.2019.43436>
24. Silva SS, Costa BLD. Opressão nas escolas: o bullying entre estudantes do ensino básico. *Cad Pesqui*. [Internet]. 2016 jul/set [citado em 12 dez 2021]; 46(161):638-63. DOI: <https://doi.org/10.1590/198053143888>
25. Silva FR, Gonçalves AS. A prevenção à violência em programas interdisciplinares que atuam em escolas brasileiras e portuguesas. *Ciênc Saúde Colet*. [Internet]. 2018 set [citado em 28 jun 2021]; 23(9):2899-908. DOI: <https://doi.org/10.1590/1413-81232018239.12422018>
26. Arruda LM, Silva JKRO, Oliveira EM, Silva AV, Sampaio JMC, Mello FCM. Bullying: representações sociais de professores de uma escola pública. *Rev. Enferm. Digit. Cuid. Promoção Saúde* [Internet]. 2021 [citado em 02 ago 2021]; 6:1-9. DOI: <http://www.dx.doi.org/10.5935/2446-5682.20210004>
27. Longo MM. A violência escolar na formação docente. *E-mosaicos: revista multidisciplinar de ensino, pesquisa, extensão e cultura do Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira (Cap/UERJ)* [Internet]. 2019 maio/ago [citado em 30 abr 2020]; 8(18):145-59. DOI: <https://doi.org/10.12957/e-mosaicos.2019.40867>
28. Oliveira-Menegotto LMO, Machado I. Bullying escolar na perspectiva dos professores. *Estud Pesqui Psicol*. [Internet]. 2018 jan/abr [citado em 20 nov 2020]; 18(1):321-40. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/epp/v18n1/v18n1a18.pdf>
29. Ribeiro VM, Vóvio CL. Desigualdade escolar e vulnerabilidade social no território. *Educar Rev Ed Espec*. [Internet]. 2017 set [citado em 23 jun 2021]; 2:71-87. DOI: <https://doi.org/10.1590/0104-4060.51372>

**Editor Associado:** Rafael Gomes Ditterich.

**Conflito de Interesses:** os autores declararam que não há conflito de interesses.

**Financiamento:** Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – BRASIL (CAPES). Código de Financiamento 001.

### CONTRIBUIÇÕES

**Natalia Alves de Camargo e Zeyne Alves Pires Scherer** colaboraram na concepção, coleta e análise dos dados, redação e revisão. **Igor de Oliveira Reis, Larissa Sales Martins Baquião e Edson Arthur Scherer**, contribuíram na redação e revisão.

### Como citar este artigo (Vancouver)

Camargo NA, Reis IO, Baquião LSM, Scherer EA, Scherer ZAP. Representações sociais dos impactos da violência escolar no trabalho docente. *Rev Fam, Ciclos Vida Saúde Contexto Soc.* [Internet]. 2022 [citado em *inserir dia, mês e ano de acesso*]; 10(3):554-65. Disponível em: *inserir link de acesso*. DOI: *inserir link do DOI*

### Como citar este artigo (ABNT)

CAMARGO, N. A.; REIS, I. O.; BAQUIÃO, L. S. M.; SCHERER, E. A.; SCHERER, Z. A. P. Representações sociais dos impactos da violência escolar no trabalho docente. **Rev. Fam., Ciclos Vida Saúde Contexto Soc.**, Uberaba, MG, v. 10, n. 3, p. 554-565, 2022. DOI: *inserir link do DOI*. Disponível em: *inserir link de acesso*. Acesso em: *inserir dia, mês e ano de acesso*.

### Como citar este artigo (APA)

Camargo, N.A., Reis, I.O., Baquião, L.S.M., Scherer, E.A., & Scherer, Z.A.P. (2022). Representações sociais dos impactos da violência escolar no trabalho docente. *Rev. Fam., Ciclos Vida Saúde Contexto Soc.*, 10(3), 554-565. Recuperado em *inserir dia, mês e ano de acesso* de *inserir link de acesso*. DOI: *inserir link do DOI*.



Este é um artigo de acesso aberto distribuído sob os termos da Licença Creative Commons